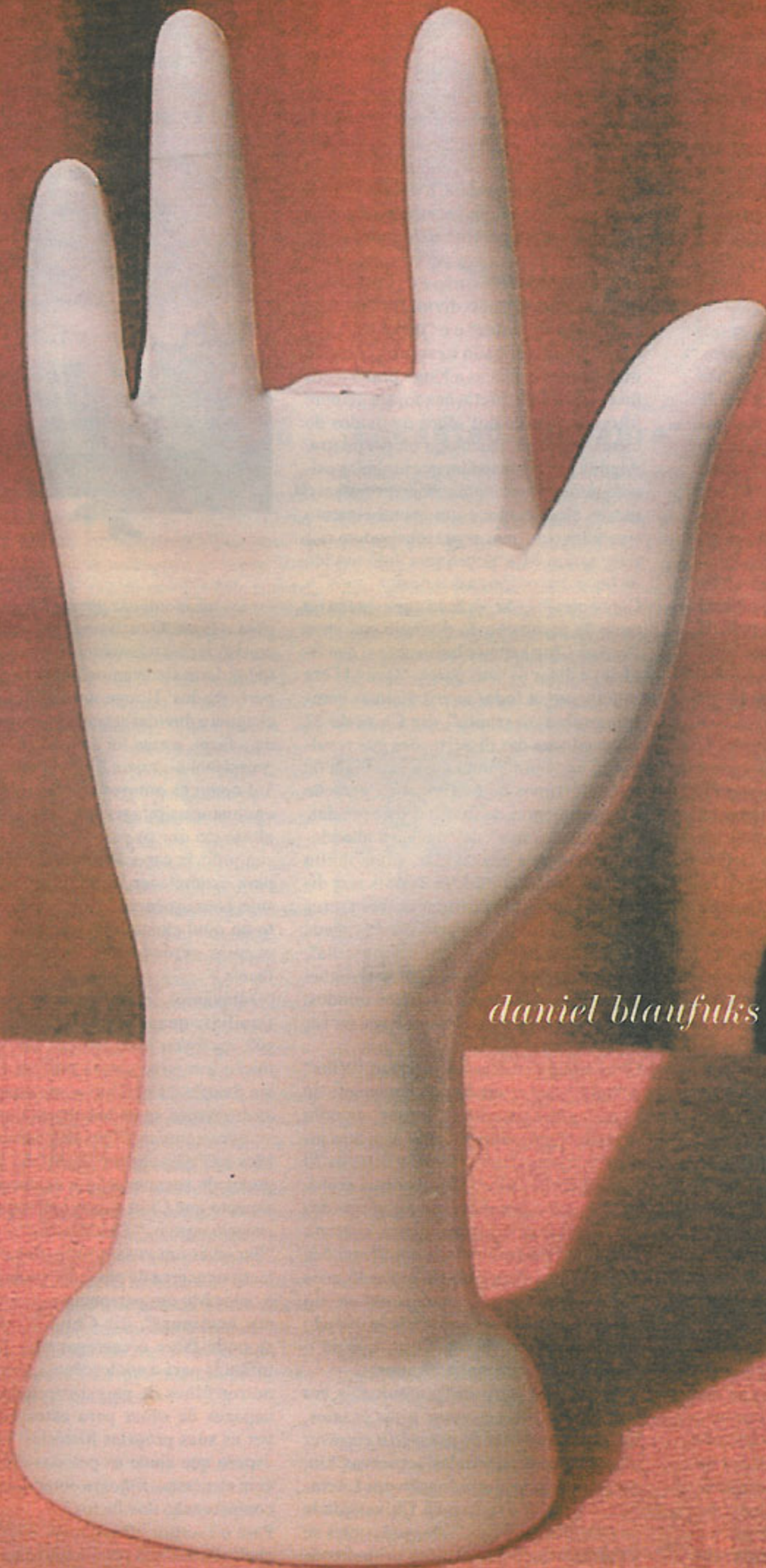


# MILFOLHAS

22|FEVEREIRO|2003|PÚBLICO

livros v. s. naipaul, james hawes e gastão cruz | exposições hatherly e pomar | ópera a feiticeira de tchaikovski | jazz sun ra



*daniel blaufuks pequenas histórias*

*Bloco de Carnide* é um livro que descreve e clarifica o percurso da concepção à construção de um edifício.

# Na senda da solidez: o Bloco de Carnide

| RICARDO CARVALHO

Não escapou a ninguém que a publicação de livros sobre arquitectura em Portugal deixou de ser praticamente inexistente para lentamente se afirmar como um campo editorial capaz de responder a uma área de conhecimento específica. Contudo, essa resposta, que acompanha natural e cinicamente a proliferação de arquitectos e escolas de arquitectura, não foi ainda capaz de colmatar as falhas profundas em termos de publicação de obras teóricas fundamentais para compreender e enquadrar a fundamentação, expansão e limite da arquitectura contemporânea. A juntar a este facto está outro, não especificamente português, mas pelo contrário global, relacionado com a sobreposição estridente da imagem ao conteúdo que tem marcado o “espírito do tempo” das políticas editoriais recentes.

É precisamente neste contexto que agora surge um livro que descreve e clarifica o percurso da concepção à construção de um edifício enquanto processo mental e técnico. Chama-se “Bloco de Carnide”, projecto do colectivo de arquitectos Promontório, e foi publicado na colecção A Prática da Arquitectura da Asa.

A solidez, defendida no livro como ferramenta base da disciplina, com a caução milenar de Vitruvius — autor do primeiro tratado conhecido de arquitectura —, intrínseca à “beleza e utilidade”, está conceptualmente em confronto claro com uma das personagens mais influentes do final do século XX. Rem Koolhaas, arquitecto holandês, afirmava num texto chamado “Junk Space” que a diferença entre a materialidade do mundo clássico e da contemporaneidade reside na capacidade de duração e incapacidade de substituição do primeiro por oposição à transitoriedade da segunda.

Na arquitectura clássica (ocidental) dificilmente se podem retirar as partes sem prejuízo do todo, enquanto grande parte da arquitectura contemporânea se assume como substituível nas partes, devido fundamentalmente à predominância da infraestrutura sobre a estrutura. “No mesmo momento em que a regularidade e a repetição se abandonaram como algo repressivo, os materiais de construção tornam-se cada vez mais modulares, unitários, normalizados, como se a matéria viesse pré-digitalizada, o grau seguinte de abstracção”, afirma o holandês.

É nesta dicotomia ideológica que deve ser lido o ensaio incluído em “Bloco de Carnide”, de Vittorio Magnago Lampugnani, “Vitruvius revisitado: Meditações sobre a solidez, a utilidade e a beleza na arquitectura”. Ideologicamente nos antípodas de Koolhaas, Lampugnani sublinha que “a cultura do projecto tornou-se uma cultura da fragilidade e do consumo”.

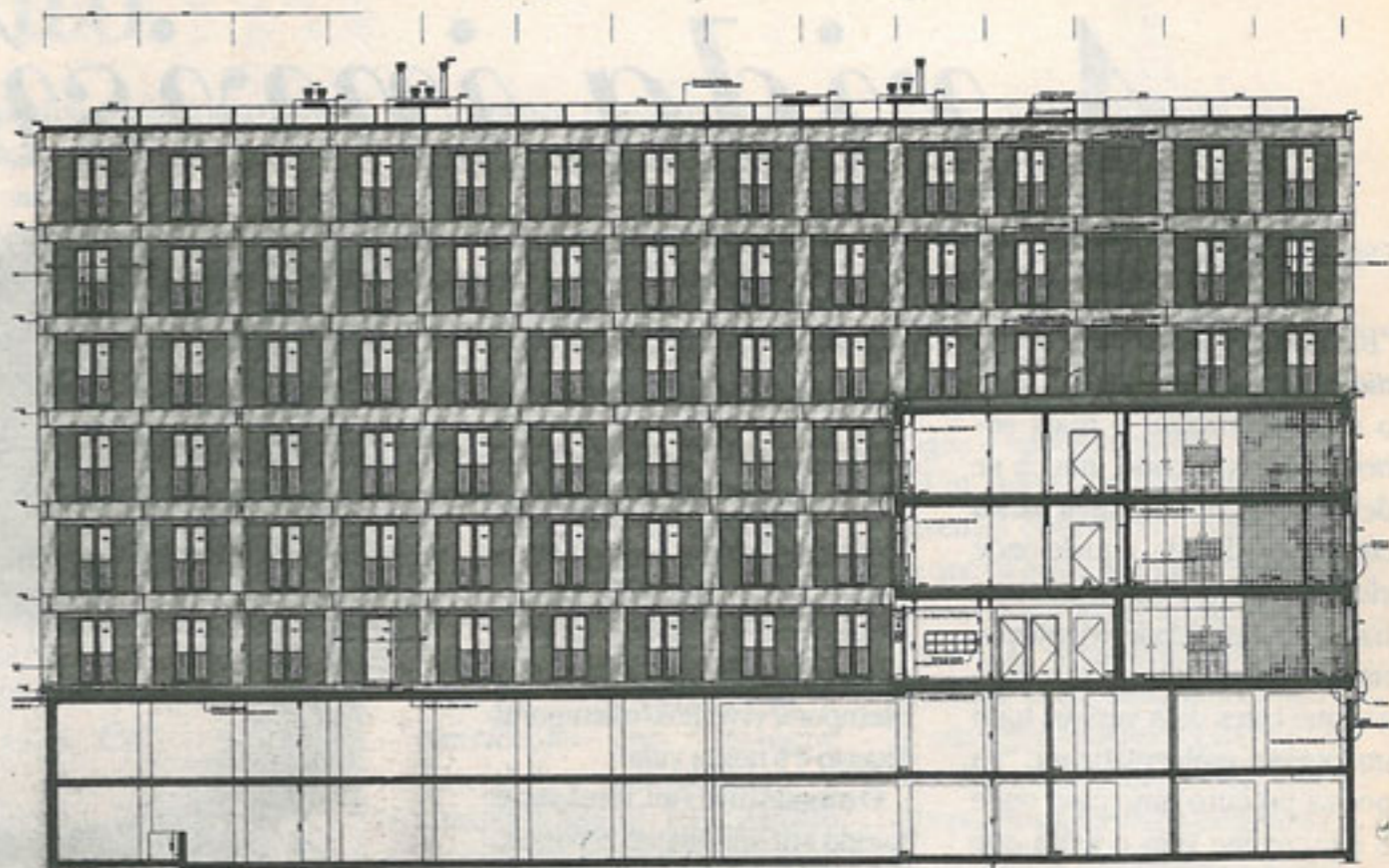
“Na história recente da arquitectura o livro técnico tem um lugar menor”, escreve Paulo Martins Barata na abertura do prefácio, definindo o posicionamento ideológico do objecto-livro em consonância com o do escritório que produziu o objecto-edifício — um bloco de habitação para 24 famílias, encomendado por uma cooperativa para o centro de Carnide. Como “livro técnico” deve entender-se aqui a reunião de um conjunto de documentos cujo registo assenta fundamentalmente no desenho, mas também em (fotografias de) maquetas, cujo objectivo é comunicarem um processo construtivo a um estaleiro, tornando consequente a arquitectura enquanto “arte de construir”.

Estamos no domínio do “projecto de execução”, denominação para os que tra-

balham neste universo, mas essencialmente no domínio da materialidade da arquitectura, feita de um sentido de orquestração das partes em direcção ao todo. O livro, enquanto objecto, de formato horizontal e generoso, sublinha as opções dos conteúdos. Assenta numa hierarquia entre discurso e enquadramento crítico, desenho e representação fotográfica, onde predomina o espaço silencioso para a leitura da informação, sem interferências ou estridências de imagem.

Fundamentalmente a questão que se coloca no “subconsciente” da publicação é esta: será que o registo do processo técnico/construtivo, indispensável na arquitectura, é suficiente para evitar as perdas (leia-se falta de rigor ou adulteração) na passagem do registo à obra? Questão particularmente vertiginosa no contexto português, feito de fragilidades de mão-de-obra e de gestão, mas principalmente de débil tradição cultural de exigência qualitativa. Ou, ao contrário, é ainda possível acreditar no ideal apontado por Lampugnani — “a cultura do projecto era sinónimo da cultura da solidez”?

Um outro crítico novaiorquino, Yehuda Safran, a propósito do trabalho do escritório Promontório, responde a algumas destas questões num texto sobre o edifício que os arquitectos construíram em Lisboa para a empresa Xerox. “As necessidades de um projecto são ‘a priori’ difíceis de adivinhar. O que nos é deixado compreender é meramente uma norma. Para a otimizar, de forma a ampliar e enriquecer o nosso horizonte de expectativas, a imaginação depende inteiramente da subversão, conversão e retroversão. Desse ponto de vista, poderíamos mesmo afirmar que um edifício bem sucedido é uma incarnação do pensamento.”



Bloco de Carnide.  
Promontório  
Arquitectos  
EDITOR ASA  
€30

